

Izabel de Fátima Cruz Melo



cinema, circuitos culturais e espaços formativos

novas sociabilidades e ambiência na Bahia
(1968-1978)



Universidade do Estado da Bahia – UNEB

Adriana Marmori Lima
Reitora

Dayse Lago de Miranda
Vice-Reitora



Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Diretora

Sandra Regina Soares

Conselho Editorial

Titulares Suplentes

Cláudio Alves de Amorim	Marluce Alves dos Santos
Maristela Casé Costa Cunha	Natan Silva Pereira
Rudval Souza da Silva	Mônica Beltrame
Reginaldo Conceição Cerqueira	Marcos Antonio Vanderlei
Nilson Roberto da Silva Gimenes	(Sem suplente)
Lícia Maria de Lima Barbosa	Carmélia Aparecida Silva Miranda
Agripino Souza Coelho	Jussara Fraga Portugal
Alan da Silva Sampaio	José Ricardo Moreno Pinho
Cesar Costa Vitorino	Leticia Telles Cruz
Rosemary Lapa de Oliveira	Baktalaia de Lis Andrade Leal
Monalisa dos Reis Aguiar Pereira	Neila Maria Oliveira Santana
Elizeu Clementino de Souza	Minervina Joseli Espínola Reis
Jane Adriana Vasconcelos Pacheco Rios	Marilde Queiroz Guedes
Simone Leal Souza Coité	Ana Lúcia Gomes da Silva

Izabel de Fátima Cruz Melo

**cinema,
circuitos culturais e
espaços formativos**

novas sociabilidades e ambiência na Bahia

(1968-1978)

Salvador
EDUNEB
2022

© 2022 Autora

Direitos para esta edição cedidos à Editora da Universidade do Estado da Bahia.
Proibida a reprodução total ou parcial por qualquer meio de impressão, em forma
idêntica, resumida ou modificada, em Língua Portuguesa ou qualquer outro idioma.
Depósito Legal na Biblioteca Nacional
Impresso no Brasil em 2022.

Coordenação Editorial

Fernanda de Jesus Cerqueira

Coordenação de Design

Sidney Silva

Revisão Textual e Normalização

Tikinet Edições Ltda

Diagramação e Capa

George Luís Cruz Silva

Ilustrações

Fabio Rodrigues da Silva Filho

Revisão de textual de prova

Eliéte Oliveira Santos

Revisão de diagramação de prova

Serafim da Silva Nossa Junior

Ficha Catalográfica

Bibliotecária: Fernanda de Jesus Cerqueira – CRB 162-5

Melo, Izabel de Fátima Cruz

Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e
ambiência na Bahia (1968-1978)/ Izabel de Fátima Cruz Melo. – Salvador:
Eduneb, 2022.

250 p.

ISBN 978-65-88211-48-9

1. Cinema – Espaços formativos. 2. Clube de cinema na Bahia. I. Título.

CDD: 791.43

Editora da Universidade do Estado da Bahia – EDUNEB

Rua Silveira Martins, 2555 – Cabula

41150-000 – Salvador – BA

editora@listas.uneb.br

portal.uneb.br

Esta Editora é filiada à



Associação Brasileira das
Editoras Universitárias

Às águas, aos caminhos, aos ventos, às matas,
às doçuras e firmezas que me sustentam.

Aos que vieram, aos que estão e aos que virão.

À Guido Araújo e Luiz Orlando da Silva,
cinematográfica e amorosamente
(*in memoriam*).

AGRADECIMENTOS

Agradecer e abraçar. Depois de uma longa travessia, esta é a primeira coisa que me ocorre ao olhar retrospectivamente todo o caminho percorrido e que deságua neste livro. Essas linhas são constituídas de muita pesquisa, leitura e reflexão, mas também de muito acolhimento e afeto, combustíveis fundamentais para que eu chegasse sã e salva até aqui.

Começo por Guido Araújo (*in memoriam*), que, primeiro como fonte, depois como amigo de mais de uma década, dividiu com uma mocinha curiosa, mais de 50 anos de história do cinema na Bahia, fazendo com que eu estivesse enredada provavelmente para sempre por esse mistério/miragem que é o cinema. Sou grata também a André Luiz Oliveira, Linda Rubim, Roberto Duarte, Fernando Belens, Pola Ribeiro, Luiz Orlando da Silva (*in memoriam*), que, ao generosamente aceitarem serem entrevistados em momentos diversos, dividiram as suas histórias comigo.

A Eduardo Morettin, interlocutor fundamental durante este percurso, sempre atencioso, gentil e apontando para questões instigantes, que me ajudaram a reposicionar a pesquisa e a escrita no âmbito das relações cinema e história.

Sou também imensamente grata às instituições e especialmente aos funcionários, disponíveis e essenciais para o acesso à documentação, mesmo em situações adversas. Assim, meu muito obrigada a Alda Lima da Silva, Glauce Marilene Nogueira Longo e Lina Vicente do Nascimento, bibliotecárias do Setor Memória UFBA, na Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa; a Rafael Fontes, Walter Jorge da Silva, Viviane Andrade Sant'Ana e Valdicley Villas Boas, do Centro de Memória da Bahia; a Hernani Heffner, da Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ); a Ernesto Marques e Valésia Oliveira, respectivamente presidente e bibliotecária, e também aos demais funcionários da Associação Baiana de Imprensa (ABI/BA), do Setor de Jornais da Biblioteca Pública do Estado da Bahia e da Cinemateca Brasileira.

A Fabio Rodrigues Filho, amigo sensível, artista e genial, pelo presente certo que ilustra a capa deste livro.

Ao meu porto seguro: Regina, João Santana, João Carlos e Ângela. Às tias, tios, primas e primos das famílias Cruz e Melo, afinal o fruto não cai longe do pé. Obrigada, por terem sido presentes, amorosos, fundamentais. E também aos amigos em São Paulo e Salvador, pelos acolhimentos, carinho, leituras, conversas, hospedagens e encontros durante as idas e vindas pelos ares e mares.

Tudo foi mais bonito com vocês por perto.

Criar é não se adequar à vida como ela é,
Nem tampouco se grudar às lembranças pretéritas
Que não sobrenadam mais.
Nem ancorar à beira-cais estagnado,
Nem malhar a batida bigorna à beira-mágoa.
Nascer não é antes, não é ficar a ver navios,

Nascer é depois, é nadar após se afundar e se afogar.
Braçadas e mais braçadas até perder o fôlego.
(Sargaços ofegam o peito oprimido),
Bombear gás do tanque de reserva localizado em algum ponto
Do corpo
E não parar de nadar,
Nem que se morra na praia antes de alcançar o mar.

Plasmar

bancos de areia, recifes de corais, ilhas, arquipélagos, baías,
espumas e salitres, ondas e mareas.

Mar de sargaços

Nadar, nadar, nadar e inventar a viagem, o mapa,
o astrolábio de sete faces,
O zumbido dos ventos em redemunho, o leme, as velas, as cordas.

Os ferros, o júbilo e o luto.
Encasquetar-se na captura da canção que inventa Orfeu
Ou daquela outra que conduz ao mar absoluto.

Só e outros poemas
Soledades
Solitude, récif, étoile.

Através dos anéis escancarados pelos velhos horizontes
Parir,
desvelar,
desocultar novos horizontes .
Mamar o leite primevo, o *coloastro*, da Via Láctea.
E, mormente,
remar contra a maré numa canoa furada
Somente
para martelar um padrão estoico-tresloucado
De desaceitar o naufrágio.
Criar é se desacostumar do fado fixo
E ser arbitrário.

Sendo os remos imateriais.

(Remos figurados no ar
pelos círculos das palavras.)

Waly Salomão, *Sargaços*.

SUMÁRIO

PREFÁCIO	13
INTRODUÇÃO	21
O CLUBE DE CINEMA DA BAHIA (CCB) E AMPLIAÇÃO DAS FRONTEIRAS DO CINEMA (1968-1978)	37
PANORAMA INICIAL (1950-1967)	39
NOVO MOMENTO (1968-1978)	45
Transição e modificações no CCB	46
AGENTES E INSTITUIÇÕES CULTURAIS: CONSTANTES	49
PROGRAMAÇÃO E ATIVIDADES	55
Mostras	56
Cursos e seminários	76
O CURSO INTENSIVO DE CINEMA	87
CINECLUBISMO E POLÍTICA CINEMATOGRAFICA: MERCADO PARALELO E DINAFILME	94
GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA DA BAHIA (GEC) E A MULTIPLICIDADE DAS ATIVIDADES CINEMATOGRAFICAS EM SALVADOR	107
UNIVERSIDADE DA BAHIA/UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA: PEQUENO TRAJETO DE APRESENTAÇÃO	109
GRUPO EXPERIMENTAL DE CINEMA (GEC) E CURSO LIVRE DE CINEMA (CLC)	116
MOSTRAS DO FILME ETNOGRÁFICO	149

RETOMANDO AS JORNADAS DE CINEMA DA BAHIA	169
SIMPÓSIOS E SEMINÁRIOS	172
MOSTRAS INFORMATIVAS E PARALELAS	209
CONSIDERAÇÕES FINAIS	225
REFERÊNCIAS	235



PREFÁCIO

Eduardo Morettin
Doutor em Ciências da Comunicação pela
Universidade de São Paulo (USP)
Professor da Escola de Comunicações e Artes
(ECA) da USP

O livro de Izabel Melo, *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e ambiência na Bahia (1968-1978)*, traz importante contribuição para a discussão histórica das redes que se estabeleceram no âmbito do cinema brasileiro em Salvador durante a ditadura militar.

Em um período de dez anos, o texto examina a constituição e as conexões entre três espaços formativos: o Clube de Cinema da Bahia (CCB), o Grupo Experimental de Cinema (GEC) e as Jornadas de Cinema da Bahia. O CCB, de Walter da Silveira, havia iniciado suas atividades em 1950, mas a escolha de 1968 se deveu ao encontro do eminente crítico – importante na formação de várias gestões de críticos e cineastas, dentre os quais Glauber Rocha – com uma figura que é central no trabalho da autora: Guido Araújo, formado também pelo cineclube. Juntos criara nesse ano o GEC, atividade de extensão incorporada pela Universidade Federal da Bahia (UFBA).

Com o falecimento em 1970 de Silveira, Araújo conduziu esse espaço formativo durante os anos seguintes, ao mesmo tempo em que estava à frente das Jornadas, que foram realizadas em Salvador até 1978, quando, após o término do apoio dado pela UFBA, o evento foi transferido para a cidade de João Pessoa para regressar nos anos 1980 à capital baiana.

Originalmente tese de doutorado, defendida em 2018 junto ao Programa de Pós-Graduação em Meios e Processos Audiovisuais da Universidade de São Paulo (USP), este trabalho, que tive o prazer de orientar, preenche diversas lacunas. Em primeiro lugar, sobre os próprios espaços culturais examinados. Se a trajetória crítica de Walter da Silveira é relativamente conhecida, não há estudos sistemáticos sobre sua atuação no final dos anos 1960, sendo completamente inédita a pesquisa sobre o GEC. Para além do ineditismo, que não se restringe ao aspecto mencionado, como indicarei mais à frente, interessa a forma como a autora recupera aquilo que Roger Chartier, chama de “práticas culturais”. Nesse sentido, enquanto um livro sobre história do cinema, a autora foge dos regionalismos e de sua valorização apartada de uma visada cultural com a qual necessariamente ela se integra. Foge, portanto, de uma pretensa novidade dada pela escolha de um tema.

O que gostaria de valorizar é o método proposto, que deveria inspirar outras pesquisas.

Como bem define Chartier (2002), a perspectiva metodológica empregada em *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos* poderia dessa maneira ser formulada:

[...] em primeiro lugar, o trabalho de classificação e de delimitação que produz as configurações intelectuais múltiplas, através das quais a realidade é contraditoriamente construída pelos diferentes grupos; seguidamente, as práticas que visam fazer reconhecer um identidade social, exibir uma maneira próprias de estar no mundo, significar simbolicamente um estatuto e uma posição; por fim, as formas institucionalizadas e objectivadas graças às quais uns “representantes” (instâncias colectivas ou pessoas singulares) marcam de forma visível e perpetuada a existência do grupo, da classe ou da comunidade. (CHARTIER, 2002, p. 23).

São muitas as identidades que enxergo entre o que preconiza o historiador francês e o percurso trazido por Melo neste livro. Em primeiro lugar, no processo de classificação e delimitação das fontes, deve ser destacado o trabalho de historiadora. O acervo é disperso, muitas vezes não organizado, como não raro ocorre em nosso país. Foram inúmeros os arquivos consultados: o Centro de Memória da Bahia, a Hemeroteca da Biblioteca Pública do Estado da Bahia, a Associação Baiana de Imprensa, a Cinemateca do Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro (MAM/RJ), a Cinemateca Brasileira, e o Setor Memória UFBA da Biblioteca Universitária Reitor Macedo Costa (SMUFBA-BURMC). São vários os tipos de documentos: atas, boletins informativos, catálogos, correspondências, discursos, ofícios, programas, prospectos, regulamentos, relatórios. Além disso, as entrevistas feitas com o próprio Guido Araújo, André Luiz Oliveira, Fernando Belens e Pola Ribeiro, dentre outros, completam o quadro geral.¹ Títulos desconhecidos da filmografia brasileira até então são

¹ Na tese de doutorado referida, Melo nos fornece três anexos com a relação de mostras e filmes exibidos pelos centros de formação estudados e da Mostra do Filme Etnográfico. É um material riquíssimo, que permitirá a realização de outras pesquisas (MELO, 2018).

discutidos, sendo contextualizada sua inserção a partir do estabelecimento da programação de uma mostra ou curso e da recuperação da trajetória de muitos trabalhos obscurecidos pelo fato de serem curtas-metragens ou documentários, cujo espaço de circulação e divulgação, sabemos, era mais restrito. Especial destaque nesse sentido está nas Mostras do Filme Etnográfico, um dos assuntos da segunda seção, importante no diagnóstico que a seleção de filmes, proposta por Guido Araújo, faz de temas caros à cultura brasileira daqueles anos, como a migração, por exemplo.

Melo consegue, a partir desse extenso mapeamento, recuperar os diferentes grupos e projetos em pauta. Se havia um denominador comum perceptível na trajetória do CCB, GEC e Jornadas, esse residia no enfrentamento e na resistência cultural à ditadura. Definido o campo em linhas gerais, o livro nos permite identificar os diferentes grupos que se encontravam no contracampo: os estudantes universitários que passariam a compor a maioria do público do CCB no final dos anos 1960; os críticos e dirigentes de cinema-tecas próximos a Guido, como Cosme Alves Neto e Paulo Emílio Salles Gomes; a jovem geração de cineastas baianos, com interesses múltiplos e diversos, que participava das atividades propostas; a presença de cineastas, técnicos e pesquisadores nos inúmeros cursos oferecidos pelos espaços de formação; os debates gerados em torno dos rumos do cinema brasileiro e contemporâneo, trazidos pela curadoria de Guido às mostras que organizava; o cenário do movimento cineclubista, com suas dissensões e consensos. Assim, nas palavras da autora, trata-se de recuperar tanto as “redes de espaços formativos [quanto] [...] a atuação dos sujeitos que transitam

entre as suas malhas e que podem subverter, problematizar ou relativizar as propostas iniciais”²

Não ficam de fora, tendo em vista as questões de método, os inúmeros agentes culturais envolvidos, bem como as instituições que atuavam nesse campo de lutas culturais. Dentre eles, um dos que me parece central é Instituto Cultural Brasil-Alemanha (ICBA), também conhecido como Instituto Goethe – que, dentro do que poderíamos definir como diplomacia cultural – além da cessão de filmes, participava ativamente de intercâmbios culturais promovidos pelo CCB, GEC e Jornadas. Sua atuação é delineada por Melo em estudo que deveria inspirar trabalhos semelhantes em outros estados. Além do ICBA, as embaixadas, fundações culturais, cinematecas e a Embrafilme foram instituições importantes desse cenário cultural construído em *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos*.

As Jornadas, organizadas principalmente por Guido Araújo, em virtude de seu papel aglutinador, reuniam participantes de diversas regiões do Brasil, lugar em que ocorriam seminários, simpósios, mostras informativas e paralelas, exposições e debates. Essas ações, que, articuladas com as instituições acima,

[...] ampliam a rede de parcerias, ao mesmo tempo em que assistimos à fundação e reestruturação de instituições vinculadas ao campo cinematográfico, com debates de pautas significativas para a política cultural relacionada ao cinema, como a censura.³

² Trecho retirado desta obra.

³ Nesta perspectiva, o presente livro traz outra faceta das Jornadas em relação ao trabalho anterior de Melo (2016), “*Cinema é mais do que filme*”: *uma história das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978)*. Trecho retirado desta obra.

A maneira, portanto, como Melo recupera historicamente esse “estar no mundo” de agentes, instituições e diferentes atores, a sua representação, enfim, na perspectiva trazida por Chartier (2002), é um dos principais méritos do livro. Se ressaltar a questão de método é porque acredito que o alcance do livro excede a perspectiva de um trabalho restrito apenas à história do cinema na Bahia. Junto com *Poética da angústia: cinema e história em Sylvio Back*, de Rosane Kaminski (2021), e a recente tese de doutorado de Daniela Siqueira (2019), temos um panorama, ainda incipiente, de como os diferentes contextos não apenas reagiram, pois a ideia de reação implica necessariamente a concepção de um centro a partir do qual tudo emana, mas propuseram formas e criaram ações de resistência ao regime militar, muitas vezes conectadas a outros contextos, tanto do ponto de vista nacional quanto internacional. Trata-se de uma história cultural do cinema que encontra em *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos* um de seus mais acabados exemplos, como pode ser visto em Morettin (2017).

Por fim, gostaria de destacar que o livro coroa a trajetória de uma historiadora sagaz, dedicada e atenta nos assuntos contemporâneos, como indica o projeto de pesquisa em andamento “Mulheres negras no cinema brasileiro”, a participação na Filmografia Baiana, e a sua produção intelectual, sempre divulgada pela sua presença constante em festivais, cursos e debates. Este trabalho consolida, por fim, o lugar da autora como pesquisadora, ponto a partir do qual certamente serão irradiadas outras pesquisas que terão o mesmo brilho de *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos*, um sopro de esperança para os leitores e as leitoras ávidos por compreenderem o passado a fim de que possamos encontrar uma saída para o nosso presente.

Boa leitura!

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. *A história cultural entre práticas e representações*. 2. ed. Lisboa: Difel, 2002.

KAMINSKI, Rosane. *Poética da angústia: cinema e história em Sylvio Back*. São Paulo: Intermeios, 2021.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. “Cinema é mais do que filme”: uma história das Jornadas de Cinema da Bahia (1972-1978). Salvador: EDUNEB, 2016.

MELO, Izabel de Fátima Cruz. *Cinema, circuitos culturais e espaços formativos: novas sociabilidades e ambiência na Bahia (1968-1978)*. 2018. Tese (Doutorado em Ciências) – Escola de Comunicação e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

MORETTIN, Eduardo. Uma história cultural do cinema: Sylvio Back e os anos 1960 em Curitiba. *Artcultura: Revista de História, Cultura e Arte*, v. 19, n. 34, p. 241-245, jan./jun. 2017.

SIQUEIRA, Daniela. *Cineastas mineiros em trânsito (1968-1970): política, cultura e memória*. 2019. Tese (Doutorado em Meios e Processos Audiovisuais) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2019.



<https://portal.uneb.br/eduneb>



ISBN 978-65-88211-48-9

9 786588 211489